



# Ministério

*Adventista*

Novembro-Dezembro de 1969

# É Necessário Haver Um Reavivamento

H. J. HARRIS

NOSSA Igreja necessita de um reavivamento, de uma revivificação, de uma renovação de poder e de uma nova visão da vontade de Cristo a seu respeito como organização, e a respeito de seus membros. Esse reavivamento deve abarcar todos os aspectos da vida e da obra da Igreja.

Em primeiro lugar, necessitamos de um reavivamento do conceito bíblico acêrca da Igreja. Não é suficiente que a igreja se estabeleça majestosamente numa esquina da rua principal, bem no centro da cidade, tôda ornamentada de pedras e latão brunido, e declare ser uma igreja. Sua tarefa mais importante é falar a todos sôbre o amor de Deus e a volta iminente de Seu Filho. Embora a Igreja se encontre no mundo e trabalhe em seu favor, não deve pertencer ao mundo. Se a Igreja se tornasse semelhante ao mundo, perderia o seu caráter peculiar e a razão de sua existência.

Em segundo lugar, necessitamos de um reavivamento do amor para com as pessoas — tôdas as espécies de pessoas: vermelhas e amarelas, pretas e brancas, cultas e ignorantes, delicadas e grosseiras. Quando faço alusão ao amor, não me refiro a simples tolerância ou aceitação ou um espírito ecumênico. Refiro-me ao amor que manifesta solicitude pela alma do homem que está no outro lado da rua, no escritório pegado ao nosso; do homem que dirige o pôsto de gasolina ou da garçonete do restaurante em que tomamos a refeição do meio-dia. Que sabem êles a respeito de Cristo? Quanto compreendem da Bíblia e seus ensinoss? Há alguém que os ame, que se importe com sua vida ou com sua morte? A Igreja deveria fazê-lo, e se não o fizer, é ela realmente uma Igreja?

O amor é o único poder que nos constrange a interromper o nosso trabalho, alterar os nossos planos, fazer o que é "desagradável" e ir falar com alguém acêrca de Deus e Seu amor. Precisamos



de amor que compreenda e perdoe, de amor que demonstre cuidado e solicitude, de amor comunicável, de amor que ame quando todos os outros deixarem de manifestar desvêlo. Necessitamos de um reavivamento do amor.



EDITORIAL

# “Dai, e Ser-vos-á Dado”

UM homem queixava-se ao seu pastor de que a igreja não parava de pedir.

— Isto está ficando um contínuo dar, dar, dar! — reclamou êle com evidente exacerbação.

Depois de meditar um instante, o pastor respondeu:

— Quero agradecer-lhe por uma das melhores definições que já ouvi do cristianismo.

Se desejássemos condensar os 66 livros que integram o sagrado Cânon, em um só texto, poderíamos fazê-lo reproduzindo as palavras de Jesus: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que *deu* o Seu Filho unigênito, para que todo aquêle que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” S. João 3:16.

Em uma pastoral às igrejas da Galácia, que estavam sendo levadas pelo fermento do “legalismo,” escreveu o apóstolo das nações: “Graça e paz da parte... de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual *Se deu* a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau.” Gál. 1:4.

Registrando as agitadas e cruentas batalhas travadas pela Igreja contra a confederação do mal, os historiadores descrevem o admirável e extraordinário heroísmo dos mártires que desasombradamente *deram* o seu sangue em defesa dos ideais da cruz.

Sim, o Pai DEU o Seu Filho para resgatar o mundo. Jesus DEU a Sua vida para redimir o homem. Os mártires DERAM o seu sangue para testificar do poder redentor do Evangelho. Com efeito, neste verbo — DAR — encontramos uma síntese do Evangelho.

“Dar é viver,” diz o velho brocardo. A lei de servir ao próprio eu é a lei da autodestruição. A lei da renúncia e do sacrifício próprio é a lei da própria conservação.

Quando as células de nosso corpo começam a viver para si apenas, desenvolve-se o câncer e elas em breve destroem todo o corpo. “Não há nada, a não ser o coração egoísta do homem, que viva para si. Nenhum pássaro que fende os ares, nenhum animal que se move sobre a

Terra, deixa de servir a qualquer outra vida... As flôres exalam a sua fragrância e desdobram a sua beleza em bênçãos ao mundo. O Sol derama a luz para alegrar a mil mundos. O próprio oceano recebe as correntes de toda a Terra, mas recebe para dar. Os vapôres que lhe ascendem ao seio caem em chuvereiros para regar a Terra, a fim de que ela produza e floresça.” — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 13 e 14.

Não podemos viver para nós mesmos. Como Igreja, temos a responsabilidade de *dar* ao mundo a triplice mensagem angélica. Se negligenciarmos êste dever, o fogo morrerá nos altares adventistas, a luz perderá o seu fulgor e a determinação de ganhar o mundo para Cristo se apagará.

Uma senhora chegou atrasada à igreja, e a reunião de testemunhos já havia terminado. Decepcionada, exclamou: “Está tudo terminado!” Ouvindo-a em sua exclamação, replicou o pastor: “Não! Os testemunhos na igreja terminaram, mas ainda resta o testemunho que temos que *dar* ao mundo.”

Com efeito, um mundo ferido pela angústia, perturbado pela perspectiva de sua própria destruição, precisa receber com urgência o testemunho de nossa fé. Disse a serva do Senhor: “Há carência, há miséria e pecado por toda parte. ‘De graça recebestes, de graça dai.’” Carta 1.<sup>a</sup>, 1894.

Há alguns anos, as agências telegráficas internacionais divulgaram, em forma lacônica, a seguinte notícia: “Trinta e quatro homens sucumbem lentamente no interior do submarino S-4, submerso nas profundezas do oceano.” Havia ocorrido um acidente, e os desventurados tripulantes estavam aprisionados no fundo do mar ao largo de Provincetown. O angustiado sinal S. O. S. repercutiu em forma dramática, e equipes de socorro surgiram de todos os lados. Um almirante da marinha dos Estados Unidos foi encarregado dos trabalhos de socorro. A nação emocionada acompanhava todos os deta-

(Continua na pág. 8)

# Os Adventistas e o Contrôle da Natalidade

(Conclusão)

J. R. SPANGLER

Diretor da Revista *The Ministry*

NO número passado relatamos a primeira parte de nossa palestra com Carlos R. Ausherman, diretor do Programa de Planejamento da Paternidade, dos Serviços Mundiais de Igreja. Para expor nosso ponto de vista, usamos declarações do Espírito de Profecia que apontavam a responsabilidade e as normas cristãs do marido e da esposa ao trazerem filhos ao mundo.

Ellen G. White salientava o fardo não só para os pais e as próprias crianças, mas para a sociedade em geral, se os maridos e as esposas aumentassem sua família sem tomarem providências quanto ao cuidado, alimentação, vestuário e educação dessas crianças. Esse conceito de sobrecarregar a sociedade com filhos que não recebem os devidos cuidados, não era amplamente compreendido no tempo em que foi dado esse conselho para o povo de Deus. Até mesmo na época atual a maioria dos habitantes da Terra se mostram insensíveis a esses pensamentos.

A outra pergunta foi a seguinte: Como limitar o número de filhos? Que dizer do uso de meios anticoncepcionais como métodos legítimos para limitar o tamanho da família? Destinam-se as relações sexuais exclusivamente para finalidades de procriação? O Espírito de Profecia não fala diretamente a respeito do uso de meios anticoncepcionais. Setenta e cinco anos atrás, as considerações abertas acerca desse ponto eram tabu. No entanto, são delineados definitivamente amplos princípios gerais, que proporcionam suficiente evidência para tirar uma conclusão prática.

## “Excesso Sexual”

Em primeiro lugar, estabelecemos o princípio do planejamento da família. Este princípio é claro e positivo. Depois então lemos para o Sr. Ausherman algumas declarações referentes às relações matrimoniais. Salientamos que Ellen G. White reiteradas vezes deu ênfase ao fato de que o “excesso sexual” conta com a desaprovação divina. Notai algumas dessas declarações: “O *excesso sexual* destruirá com efeito o amor para com os cultos devo-

cionais.” — *O Lar Adventista*, pág. 124. (Grifo nosso.)

Faz-se alusão à responsabilidade da esposa no sentido de possuir o seu corpo “em santificação e honra.” “Ela não pode aviltar seu corpo, cedendo a *excessos sexuais*.” — *Idem*, pág. 126. (Grifo nosso.)

E ainda mais: “Muitos pais não obtêm o conhecimento que deviam em sua vida matrimonial. Não se guardam para que Satanás não se aproveite deles, controlando-lhes a mente e a vida. Não vêem que Deus requer que eles controlem sua vida matrimonial, evitando *qualquer excesso*.” — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 267. (Grifo nosso.)

## “Uma Bênção Tem-se Feito Uma Maldição”

Deduz-se que se existe a possibilidade de excesso, certamente deve haver uma medida normal e correta de envolvimento sexual. Dizemos que a verdadeira temperança é o uso moderado das coisas boas e a abstinência total daquilo que é prejudicial. A possibilidade de excesso nas relações conjugais indica que o apropriado ato sexual pertence à categoria daquilo que é bom.

A cuidadosa leitura de tôdas essas declarações de Ellen G. White no tocante ao “excesso sexual” não descobre uma só palavra ou insinuação de que as relações sexuais devam restringir-se à procriação. Ela estabelece um contraste entre paixões baixas e excessos sexuais, e a relação correta e apropriada.

Notai as declarações equilibradas nestes trechos referentes aos deveres e privilégios conjugais: “A alcova, onde anjos de Deus não podem estar presentes, é profanada por práticas perversas... O que Deus deu como uma bênção tem-se feito uma maldição.” — *O Lar Adventista*, pág. 124. E ela afirma ainda mais: “Quando o esposo tem a nobreza de caráter, a pureza de coração, a elevação de espírito que cada cristão deve possuir, isto se revelará na associação matrimonial.” — *Idem*, pág. 125. Referindo-se a homens cuja paixão desenfreada os torna piores do que os brutos, ela declara:

“Não conhecem os elevados, enobrecedores princípios do amor verdadeiro e santificado.” — *Ibidem*.

### O Controle da Natalidade Não é Proscrito

Depois de ler essas declarações para o Sr. Ausherman, juntamos os dois conceitos — dos quais o primeiro, considerado no artigo anterior, dizia respeito à necessidade de planejamento da família; e o segundo tinha que ver com a moderação das relações sexuais dentro da estrutura do amor puro, genuíno e respeitoso.

Do ponto de vista bíblico, o conselho de Paulo em I Coríntios 7 indica que a procriação não é necessariamente o objetivo da união sexual. O versículo 2 declara: “Cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido.” A imoralidade não se baseia na tentação de ter filhos, mas antes na satisfação da paixão sensual da carne. Sendo assim, o ponto salientado por Paulo ao dizer que cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido abrange, entre outras coisas, a satisfação de relações normais além das que dizem respeito à procriação.

Paulo salienta ainda mais esse conceito nos versículos oito e nove: “Aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.” Esta passagem não declara que é melhor casar do que ficar sem filhos!

No versículo 36, o apóstolo afirma ainda mais: “Se alguém julga que trata sem decôro a sua filha [“noiva” na *Revised Standard Version*], estando já a passar-lhe a flor da idade, e as circunstâncias o exigem, faça o que quiser. Não peca; que se casem.” Neste texto não há nada que ordene que as relações sexuais devam ter a finalidade de trazer filhos ao mundo.

Estaríamos forçando o sentido da Bíblia e dos escritos do Espírito de Profecia se declarássemos que a combinação dos dois princípios expostos pelo Espírito de Profecia, mais a admoestação de Paulo, não condenam métodos apropriados de controle da natalidade, que não prejudiquem a saúde da pessoa? Achamos que não!

### O Casamento Não é Abrigo Para a Lascívia!

Indivíduos não consagrados poderão usar os trechos acima para defender a condescendência com a lascívia. Os que fizerem isso, estarão causando sua própria destruição. Paulo dá ênfase à terna e pura relação que deve existir entre marido e esposa. “Os homens devem dar às esposas o amor que sentem naturalmente para com seu próprio corpo. O amor que um homem dedica à esposa constitui a ampliação

do amor que êle tem para consigo mesmo, para poder abrangê-la. Ninguém odeia ou negligencia seu próprio corpo; antes o alimenta e dêle cuida.” Efés. 5:25-27 — Versão Inglesa de Phillips.

Pedro expõe o mesmo conceito. “Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, por isso que sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.” I S. Ped. 3:7. Nenhum homem que se esforça por alcançar o reino de Deus permitirá que suas paixões sensuais exerçam o domínio na relação matrimonial. Amor verdadeiro não é sinônimo de paixão.

A compreensão dos princípios e do espírito que regem as legítimas relações sexuais implica respeito e autocontrole. Essa compreensão só pode provir mediante submissão diária à vontade de Deus. Quando o amor de Cristo se apodera tanto da mente do marido como da esposa, o futuro promete mais íntima união física e espiritual, repassada de maiores alegrias e felicidades. Respeito próprio e dignidade são resultados adicionais dessa espécie de união. Quão pouco têm experimentado esta realidade em nosso mundo obcecado pelo sexo!

Por outro lado, se domina a egoísta paixão física, o inevitável resultado será descontentamento, desgosto e aversão mútua. Muitos maridos e esposas estão fartos de se magoarem e ferirem de encontro às rochas da paixão selvagem. Não percebem que “pode-se encontrar no casamento paixão de tão baixa qualidade, como fora dêle” (*O Lar Adventista*, pág. 124).

Para que o marido e a esposa palmilhem a vereda certa nas relações matrimoniais, é preciso que tenham santificado discernimento e autocontrole. Do mesmo modo que em outros aspectos da vida, o perigo do extremismo sempre está presente. Relações inocentes com facilidade podem ser canalizadas para os regos de desejos e práticas imoderados. A ênfase excessiva de mera união física pode conduzir à ruína. Amor genuíno é perfeito equilíbrio mental, físico e espiritual, mantendo-se constantemente alerta contra quaisquer excessos ou perversões. Certificai-vos de que o amor puro controle toda ação do marido e da esposa, tornando assim duradouro o benefício do matrimônio. “Se o amor provém da mente e do coração, bem como do corpo, sempre será sensível a qualquer elemento que o ameace; e sempre que o marido e a esposa tiverem a impressão de que sua união física não ocasiona mais profundo amor espiritual, e, sim, a sensação de saciedade e descontentamento mútuo, ou, pior ainda, de repugnância, êles precisam dar atenção ao sinal de perigo.

(Continua na pág. 20)

# Ellen G. White e as Relações Matrimoniais

(Conclusão)

ARTUR L. WHITE

Secretário do Patrimônio de Ellen G. White

**Q**UATRO pontos são bem claros no relato. Ellen G. White afirma: (1) Jesus Cristo não "impôs o celibato," mas enalteceu o matrimônio; (2) os maridos e as esposas deviam apreciar seus "privilégios matrimoniais;" (3) nessa relação, a "temperança" deve ser a divisa e devem-se evitar os excessos. E ela assevera (4) que os ensinamentos extremistas quanto a essa questão precisam ser postos de lado, pois embora o objetivo seja alcançar elevada condição de pureza moral, tais ensinamentos muitas vezes têm conduzido à ruína.

Não raro os que se ocupam especialmente em condenar o que não é condenado na Palavra de Deus ou nos *Testemunhos*, revelam alguma debilidade em seu próprio caráter em que indubitavelmente se consideravam fortes. Alguns até foram levados a praticar fora do matrimônio aquilo que afirmavam ser pecaminoso dentro dele. Casos dessa natureza não são raros.

Há alguns anos, o autor deste artigo conheceu pessoalmente um de nossos ministros de experiência que, ao pastorear uma grande igreja, aconselhava os maridos e as esposas a viverem como irmãos e irmãs, e ele fazia com que as pessoas que o conheciam acreditassem que isso era praticado em seu próprio lar. Conquanto tudo parecesse estar num alto nível moral e espiritual, repassado de pureza, esse pastor foi levado a buscar fora de seu matrimônio aparentemente feliz o que seria apropriado dentro do mesmo, mas que ele negava a si próprio. Em meio a seus deveres pastorais, ao dar conselhos a uma jovem senhora de menos de vinte anos de idade, de desenvolvimento um tanto retardado, ele foi induzido a manter diversas relações sexuais com ela, sob o ostensivo pretexto de auxiliá-la a desenvolver-se. Foram cassadas as credenciais desse homem e ele foi destituído de suas responsabilidades na obra ministerial.

Tais experiências confirmam a declaração de Ellen G. White, de que pontos de vista extremos no tocante à relação matrimonial conduziriam aos mais abjetos pecados e à mais crassa imoralidade.

Opiniões que exigiam total continência, por volta do tempo em que ocorreu a experiência de Ana Phillips, eram adotadas ou defendidas por diversas famílias de Battle Creek e arredores. A tragédia é que quando tais idéias extremistas são adotadas por um ou ambos os cônjuges unidos por matrimônio, o resultado muitas vezes é profundo desgosto, desgraça e lares despedaçados.

Um pastor que iniciou seu ministério em Michigão e mais tarde foi vice-presidente da Associação Geral, disse ao autor deste artigo que ele e sua esposa certa vez contaram mais de sessenta famílias, na região de Battle Creek, que se haviam dissolvido por causa de ensinamentos extremistas no tocante à relação matrimonial, como o que era defendido por Ana Phillips. O Salvador declara: "Pelos seus frutos os conhecereis." S. Mat. 7:20.

Perto do fim do ministério da Sra. White, houve uma ocorrência desditosa em certa localidade que era um centro denominacional, sobre a qual ela teve oportunidade de manifestar-se. Nesse caso, a esposa de um médico adventista do sétimo dia tomou a decisão de não ter mais relações sexuais com seu marido. Isso resultou na dissolução desse lar, com o subsequente desalento e perplexidade. A causa da tragédia não era ainda bem conhecida. Certo dia, quando D. E. Robinson, secretária da Sra. White, passou com ela defronte da casa em que residia aquela mulher, Ellen G. White declarou casualmente que a separação ocorrida naquela família não precisava ter acontecido se a esposa não houvesse assumido atitudes desarrazoadas e extremistas no tocante às relações com seu marido.

## **É Requerido um Elevado Padrão de Pureza**

A Sra. White dá ênfase ao solene fato de que muitos cristãos professos são imoderados nas relações conjugais, ocultando um coração degradado e sensual, sob uma capa de santidade. Ela escreveu muita coisa a respeito do pecado da licenciosidade, da maneira como se manifesta de diversas formas entre crianças e jovens,

e entre adultos, tanto dentro como fora do matrimônio. Ela aponta para o Poder que concede vitória sobre todo mau hábito e pensamento. Entre as vitórias que devem ser alcançadas pelas pessoas que se preparam para a trasladação, ela inclui a vitória sobre a sensualidade e as práticas degradantes.

“O povo de Deus deve não só conhecer a Sua vontade, mas praticá-la. Muitos serão eliminados dentre o número dos que conhecem a verdade, devido ao fato de não serem santificados por ela. A verdade precisa ser introduzida em seu coração, santificando e purificando-os de toda mundanidade e sensualidade na vida mais íntima. O templo da alma deve ser purificado. Todo ato secreto é como se estivéssemos na presença de Deus e dos santos anjos, pois todas as coisas são patentes diante de Deus, e nada se Lhe pode ocultar.

“Nesta época do mundo, muitas vezes são desrespeitados os votos matrimoniais. Jamais foi o desígnio de Deus que o casamento encobrisse a multidão de pecados praticados. A sensualidade e práticas abjetas na relação matrimonial acomodam a mente e a disposição moral para práticas aviltantes fora do matrimônio.

“Deus está purificando um povo que deve ter mãos limpas e corações puros a fim de permanecer diante d’Ele no juízo. É necessário elevar o padrão, e purificar a imaginação; tem de ser abandonada a concupiscência que se acumula ao redor de práticas degradantes, e a alma deve ser elevada a pensamentos puros, práticas santas. Todos os que resistirão às provas e provações que se acham diante de nós, serão participantes da natureza divina, havendo escapado, não participado, das corrupções que pela concupiscência há no mundo.” — *Review and Herald*, 24 de maio de 1887.

### Seu Ensino Acêrca da Pureza Moral

Ellen G. White era ardorosa defensora de um alto padrão de pureza e santidade. Reconhecendo que “Cristo e Sua pureza e Seus incomparáveis encantos devem ser a contemplação da alma” (*Ibidem*), ela procurava dirigir os pensamentos de todos para nosso grande Exemplo, de preferência a demorar-se sobre os repulsivos pormenores da perversão e do excesso sexual. Em conexão com a experiência de 1894 e o ensino de Ana Phillips, Ellen G. White expôs admiravelmente seu ensino quanto à pureza moral:

“Aceitando a Cristo como seu Salvador pessoal, o homem é colocado em tão estreita comunhão com Deus e desfruta Seu especial favor do mesmo modo que Seu próprio Filho amado. É honrado e glorificado, e pôsto em íntima associação com o Senhor, estando Sua vida escondida com Cristo em Deus. Oh! que amor, que maravilhoso amor!

“Isto constitui o meu ensino a respeito da pureza moral. A apresentação da negrura da impureza não terá a metade da eficácia na erradicação do pecado, quanto a enunciação desses assuntos grandiosos e enobrecedores. O Senhor não confiou a mulheres uma mensagem que vitupere os homens e os acuse de impureza e incontinência. Elas provocam sensualidade ao invés de extirpá-la. A Bíblia, e unicamente a Bíblia, transmitiu instruções corretas a respeito da pureza. Pregai, portanto, a Palavra.

“Tal é a graça de Deus, tal é o amor com que Ele nos amou, mesmo quando estávamos mortos em delitos e pecados, sendo inimigos em nossos pensamentos e obras perversas, entregando-nos a diversas concupiscências e prazeres, sendo escravos de paixões e apetites depravados, servos do pecado e de Satanás. Que profundo amor é manifestado em Cristo, ao tornar-se Ele a propiciação pelos nossos pecados! Por meio do ministério do Espírito Santo, almas são levadas a encontrar remissão de pecados.

“A pureza, a santidade da vida de Jesus, da maneira como é apresentada na Palavra de Deus, possui mais poder para reformar e transformar o caráter, do que todos os esforços envidados para descrever os pecados e delitos de homens, e seus infalíveis resultados. Um decidido olhar para o Salvador erguido sobre a cruz concor-

rerá mais para purificar a mente e o coração de toda corrupção, do que todas as explanações científicas feitas pela língua mais hábil.

“Diante da cruz, o pecador vê a diferença entre o seu caráter e o de Cristo. Discerne as terríveis consequências da transgressão; odeia o pecado que cometeu, e apega-se a Jesus com viva fé. Considerou seu estado de impureza à luz da presença de Deus e da Inteligência celestial. Avaliou-o pelo padrão da cruz. Pesou-o nas balanças do Santuário. A pureza de Cristo pôs a descoberto o aspecto repulso de sua própria impureza. Ele renuncia ao pecado aviltante; olha para Jesus e vive.

“Ele encontra em Jesus Cristo uma personalidade todo-absorvente, dominante, atrativa. Aquêle que morreu para livrá-lo da deformidade do pecado, e com lábios trêmulos e lágrimas nos olhos declara: ‘Ele não morreu inutilmente por mim. A Tua bondade me engrandeceu.’” — Carta 102, 1894.

### Contrôle da Natalidade

Embora o controle da natalidade, como tal, não fôsse considerado aberta e francamente no tempo de Ellen G. White, e não se conhecessem então seguros meios anticoncepcionais aceitos pela Medicina, a cuidadosa leitura de seus conselhos leva-nos à conclusão de que é aceitável aos olhos de Deus que os cônjuges unidos pelos laços matrimoniais determinem o número de filhos que desejam ter e escolham o tempo de seu nascimento.

“Em vista da reponsabilidade que impende sobre os pais — afirma a Sra. Ellen G. White — deve ser cuidadosamente considerado se é melhor trazer filhos à família.” — *O Lar Adventista*, pág. 162.

E ela pergunta:

“Tem a mãe suficiente fôrça para dêles cuidar?” — *Ibidem*.

“Pode o pai dar-se à prerrogativa de bem modelar e retamente educar a criança?” — *Ibidem*.

Ellen G. White declara que:

“Há pais que, sem considerarem se podem ou não sustentar uma grande família, enchem a casa com êses pequenos seres desajudados, que dependem inteiramente dos pais para instrução e cuidado. . . Isto é um grave erro, não apenas para com a mãe, mas também para com os filhos e a sociedade.” — *Ibidem*. (Grifo nosso.)

Em diversas declarações, muito bem apresentadas nas páginas 162-166 do livro *O Lar Adventista*, no capítulo “Tamanho da Família,” tais deliberações como o bem-estar dos filhos já existentes, o sustento, o vestuário e a educação das crianças, a saúde da mãe, e a relação do tamanho da família para com as possibilidades missionárias dos pais, são expostos como fortes razões para controlar o tamanho da família.

### Conselho Dado Pelo Pastor Loughborough, a um Crente Novo

O testemunho de um ministro pioneiro altamente respeitado, J. N. Loughborough, constitui um resumo apropriado e esclarecedor. Ele travara conhecimento com Tiago e Ellen White desde 1852. Estendera a obra a muitos lugares novos. Dirigira o estabelecimento de nossa primeira instituição médica, em 1866, e escrevera um *Manual de Saúde (Handbook of He-*

alith), de 205 páginas, publicado em 1868. Muitas vezes trabalhara em estreita conexão com os Whites. Ellen G. White dedicava-lhe grande consideração. Ele relata que a viu umas cinquenta vezes em visão, e publicou muita coisa a respeito de sua vida e de sua obra.

Em 1907, o Pastor Loughborough teve oportunidade de responder a uma carta sincera contendo indagações de um jovem espôso e crente nôvo, que procurava orientar as relações em seu próprio lar, de acôrdo com a luz de sua nova fé. Ele fez diversas perguntas diretas ao obreiro veterano. Em linguagem compreensível e casta, o respeitável pastor expôs de maneira simples e prática sua interpretação do assunto, baseada na Bíblia e no Espírito de Profecia. De sua carta que aparece a seguir, foram omitidos os dizeres das passagens bíblicas citadas por êle, mas são indicadas as referências:

"Mountain View, Califórnia  
21 de abril de 1907

Prezado irmão:

Com referência às indagações contidas em sua carta do dia 7 de abril, recomendo que a leia as seguintes passagens bíblicas: Prov. 5:18-20, Prov. 7:2-5 e I Cor. 7:2-9.

Notará nestes textos que são insinuadas outras relações além da procriação de filhos. Leia o último parágrafo de *Testimonies*, Vol. 2, pág. 90, que fala da 'particularidade e os privilégios da relação de família.' A página 380 trata do 'privilégio da relação matrimonial' e tem que ver com o assunto do aumento do número de filhos. A página 391 refere-se ao abuso do privilégio da relação matrimonial e recomenda que haja temperança no uso desse privilégio (I Cor. 7:9).

No mesmo Vol. 2, páginas 472-4, fala-se de 'excessiva condescendência' e de ser 'destituído de domínio moral.'

Além disso, tôda a página 477 fala de 'excessos sexuais' e de falta de temperança nesse sentido. Visto que muitos não têm 'forças para desperdiçarem nessa direção,' a 'temperança... devia constituir sua divisa' nessas coisas.

Estas citações demonstram que é sancionada a idéia expressa em sua carta dirigida a mim, de 'moderada condescendência' e do emprêgo de discernimento quanto ao número de filhos.

Nunca encontrei qualquer trecho dos *Testemunhos* que dissesse que o ato sexual devia restringir-se à geração de filhos. E sei que a irmã White não deu sua aprovação aos que defendiam essa opinião.

Certo homem aqui na Califórnia escreveu um folheto com essa finalidade, e desejava sua autorização para publicá-lo. Ele procurou falar-lhe, mas recebeu a resposta de que ela não podia atendê-lo e que seria 'melhor que deixasse aquela questão de lado.'

Ele continuou insistindo em que desejava falar-lhe, e finalmente ela consentiu em dar-lhe uma entrevista. Quando êle terminou a sua exposição, ela perguntou-lhe se dissera tudo o que pretendia falar. Ele respondeu que sim, e ela disse então: 'Vá para casa, e seja um homem.' Ele aceitou essa recomendação, e aquêle folheto nunca foi impresso.

Os testemunhos acima podem ser lidos por você e sua espôsa, para que tirem suas próprias conclusões a respeito, em vez de serem condenados por ensinamentos extremistas, que nalguns casos têm separado famílias.

A seu dispor, para justiça e temperança em tôdas as coisas,

(Assinado) J. N. Loughborough."

Conforme se pode notar, êsse testemunho de um ministro e administrador de confiança, que esteve estreitamente ligado com Tiago e Ellen White e examinava diligentemente os escritos do Espírito de Profecia, confirma os pontos principais destes artigos.

## "Dai, e Ser-vos-á Dado"

(Continuação da pág. 3)

lhes daquela grande tragédia. As equipes de socorro tudo fizeram para salvar aquêles homens. Um inquérito judicial foi estabelecido a fim de determinar as causas do desastre.

Malgrado todos os esforços, os 34 tripulantes pereceram. O salvamento não os alcançou em tempo.

Mas, enquanto o trabalho de socorro prosseguia, foi estabelecida a comunicação entre os tripulantes aprisionados no interior do submarino e a equipe de socorro, por meio de golpes. A única mensagem transmitida, reiteradas vezes, pelos homens condenados, foi esta: "Quanto demoram ainda? Quanto demoram ainda?"

Há nesta dramática interrogação uma tragédia pungente e comovedora: "Quanto demoram ainda?" Um por um morreram. Aos poucos os golpes cessavam. A última súplica angustiada foi ouvida: "Quanto — demoram — ainda?"

Há dentro dos extensos limites da Divisão Sul-Americana, multidões submergidas no pecado, homens e mulheres naufragos, prisioneiros do vício e da dívida. Acaso, não ouvimos a desesperada súplica dessas vítimas que clamam: Estamos condenados! Quanto demoram ainda?"

Descuidaremos a responsabilidade de salvar estas multidões? Deixaremos estas almas sem o testemunho do Evangelho?

Cristo deseja que, como obreiros, partilhemos com outros a esperança que nos anima. Ele nos diz: "De graça recebestes, de graça dai." S. Mat. 19:8.

ENOCH DE OLIVEIRA

# Explosão Demográfica

MAX PHILLIPS

Em *Signs of the Times*



## O Cientista Ehrlich Fala de uma Futura Catástrofe Mundial, Numa Entrevista com Max Phillips

O perito em questões demográficas, Paulo R. Ehrlich, não acredita que o mundo, da maneira como o conhecemos, possa durar mais de vinte anos. Ele imagina grandes fomes e guerras futuras, que abrangerão todo o globo terrestre, extinguindo provavelmente a vida neste planeta.

Para ter maiores informações acerca do Dr. Ehrlich e suas alarmantes previsões, li o livro *The Population Bomb*, de sua autoria. Entrevistei-o então em seu laboratório na Universidade Stanford, onde ele é professor de Biologia e diretor de estudos avançados no Departamento de Ciências Biológicas. Sua especialidade é biologia populacional.

Ele mostrou-se muito cordial e cooperador — e denotava um aspecto surpreendentemente jovem, apesar de seus dez anos de experiência como catedrático e pesquisador na Universidade de Stanford.

### **O** QUE lhe faz pensar que existe uma crise populacional?

Bem, estamos na iminência de esgotar os nossos recursos alimentícios, e estamos destruindo os sistemas ecológicos de nosso planeta, que nos conservam com vida. Na proporção atual, a população do mundo dobrar-se-á cada trinta e cinco anos. Isto significa que todos os meios de que dispomos quanto à alimentação, ao cuidado médico, a rodovias, edifícios etc., precisam dobrar-se nos próximos trinta e cinco anos, para a humanidade manter-se no nível atual de existência ou — talvez fôsse melhor dizer — de penúria. Tudo teria de ser dobrado nos próximos trinta e cinco anos, apenas para conservar as coisas no mesmo plano. E isso significa que aproximadamente um a dois bilhões de pessoas viverão em estado de subnutrição, e cada ano morrerão de fome talvez uns 10 milhões de habitantes.

Ouvi dizer que o índice de nascimentos nos Estados Unidos está declinando. É verdade?

Em certo sentido é verdade, noutro não. O índice de nascimentos oscilou este ano em tor-

no de um baixo índice não superado, de mais ou menos 17 nascimentos por mil habitantes. No entanto, o índice de mortalidade é de apenas nove óbitos por mil habitantes, e o crescimento demográfico ainda dobrará o número de habitantes de nosso país, cada setenta e cinco anos. As mulheres nascidas entre 1948 e 1955, durante o grande acréscimo de nascimentos depois da Segunda Guerra Mundial, estão atingindo os anos de gravidez. As mulheres que nasceram em 1948 alcançaram agora os vinte e um anos de idade — entrando no seu período mais produtivo. Sabemos, portanto, que o índice de nascimentos elevar-se-á outra vez de modo dramático. Contudo, mesmo que o índice de nascimentos em nosso país se mantenha no ponto mais baixo em que se acha agora, o crescimento da população ainda é um tanto catastrófico — dobrar-se-á cada setenta e cinco anos.

O senhor escreveu em seu livro: "A batalha para alimentar todos os seres humanos está terminada. Na década de 1970, o mundo sofrerá fome — centenas de milhões de pessoas morrerão de fome, a despeito de quaisquer programas de emergência empreendidos agora." Não acha que isso é um tanto pessimista?

Sim, é um tanto pessimista, mas é a expressão da realidade. Não conseguimos mais alimentar as pessoas já existentes. No tempo atual há mais pessoas famintas no mundo, do que bem nutridas. Temos já um ignominioso índice de mortalidade causada pela fome no mundo, inclusive nalgumas partes dos Estados Unidos. Quando ponderamos que a população está crescendo na proporção de 70.000.000 de pessoas cada ano, temos de descobrir alguma forma de alimentá-las. O grau de miséria irá aumentar rapidamente nos próximos anos. Já estamos em má situação, e com o passar dos anos o problema torna-se cada vez pior. Por isso, embora eu seja um tanto pessimista a esse respeito, sou também bastante realista.

*Como foi que o senhor começou a preocupar-se com a crise da população?*

Em 1949, quando eu era estudante novato na Universidade de Pensilvânia, li um livro escrito por Guilherme Vogt, falecido recentemente, intitulado *Road to Survival* (Caminho Para a Sobrevivência). Eu estava me tornando biólogo, e interessei-me cada vez mais no problema.

Quando cheguei a Stanford, dez anos atrás, comecei a fazer preleções sobre isso. Os bacharéis ouviram falar a respeito e convidaram-me a realizar conferências. O número de preleções foi aumentando, até que o Clube Commonwealth e o rádio e a TV tomaram interesse no assunto, e de repente descobri que em vez de ser um biólogo de tempo integral eu era um propagandista ocasional.

*Li em seu livro alguma coisa a respeito da crise populacional na Índia, com suas enormes multidões de seres humanos que se debatem na luta pela vida. Isto me fez pensar que a opulenta sociedade norte-americana não está preparada para compreender os perigos iminentes.*

Embora os norte-americanos se encontrem em melhores condições do que os indianos, creio que eles não compreendem o quanto estamos vinculados com os outros países do mundo. Utilizamos mais ou menos a metade de todas as matérias-primas consumidas anualmente sobre a superfície da Terra. Dependemos grandemente de produtos importados para manter o nível atual de opulência. Quando houver fome e guerra nos outros países e desaparecer sua estabilidade política, teremos muitas dificuldades para obter as coisas de que necessitamos.

Os jornais trazem comentários sobre rodovias congestionadas, escolas e prisões superlotadas, inadequadas acomodações jurídicas, falta de água e deficiente rede de esgotos, poluição do ar, e assim por diante — sendo todos eles indícios de explosão demográfica. Já há pessoas

demais agora, e cada ano o problema se agrava ainda mais.

*Podemos produzir mais alimento para corresponder ao acréscimo da população?*

Há algumas coisas que podemos fazer, pelo menos temporariamente, para aumentar as provisões alimentícias, mas com toda a tecnologia agrícola não conseguimos nem sequer sustentar devidamente as pessoas já existentes, sem mencionar as multidões de pessoas que ainda estão para nascer. A ciência não conhece algum meio de aumentar dramaticamente nossa provisão de alimentos. Com efeito, muitas coisas que estamos efetuando agora em realidade contribuirão para diminuí-la.

*Não é possível bombear água do Mississipi e outros rios para regiões desérticas e irrigá-las para constituírem novas fontes de alimento?*

Com exceção talvez de algumas regiões na Sibéria, quase todas as terras que podem ser lavradas economicamente já estão sendo cultivadas. Se envidássemos tremendos esforços, reduzindo pela metade o nosso padrão de vida, e usássemos esse dinheiro para irrigar e cultivar os Estados de Nevada e Utah, poderíamos talvez produzir suficiente acréscimo de alimentos para sustentar o aumento da população por um ano. Depois de dez ou vinte anos de fantástico esforço, o povo deste país conseguiria produzir suficiente alimento para sustentar o aumento mundial da população — não a população, mas apenas o aumento anual — durante dois ou três anos.

*Isso, porém, não seria adequado, não é mesmo?*

Evidentemente não. Se produzíssemos alimento para o acréscimo da população durante três anos, mas levássemos vinte anos para efetuar-lo, sempre estaríamos perdendo terreno. Cada três anos será acrescentada ao mundo, em que já agora a maioria das pessoas são subnutridas, uma população equivalente à dos Estados Unidos.

Por que falar, porém, em alimentar o aumento da população, se não conseguimos alimentar a população que existe atualmente? Teríamos de dobrar a produção de alimentos para conceder a cada pessoa no mundo uma alimentação que se assemelhasse à dos norte-americanos. Sim, seria necessário dobrar a produção mundial de alimentos, não só a dos Estados Unidos. Por conseguinte, falar em acompanhar o rápido crescimento demográfico no mundo todo até parece um disparate.

*E os produtos que poderiam ser extraídos do mar?*

Se detivéssemos imediatamente tudo aquilo que está poluindo a água do mar: a enorme



avalanche de parasiticidas, de águas de esgoto e outros poluidores que nossos rios lançam dentro do mar, transformando-o num deserto biológico — e se houvesse perfeita cooperação internacional, de tal modo que tôdas as nações deixassem de agarrar tudo o que pudessem, provavelmente conseguiríamos dobrar a produção de proteína oriunda do mar. Se as condições fôssem absolutamente perfeitas e tôdas as pessoas se tornassem “santas” e pegassem apenas a sua parte, poderíamos prover o sustento para um pequeno aumento da população humana.

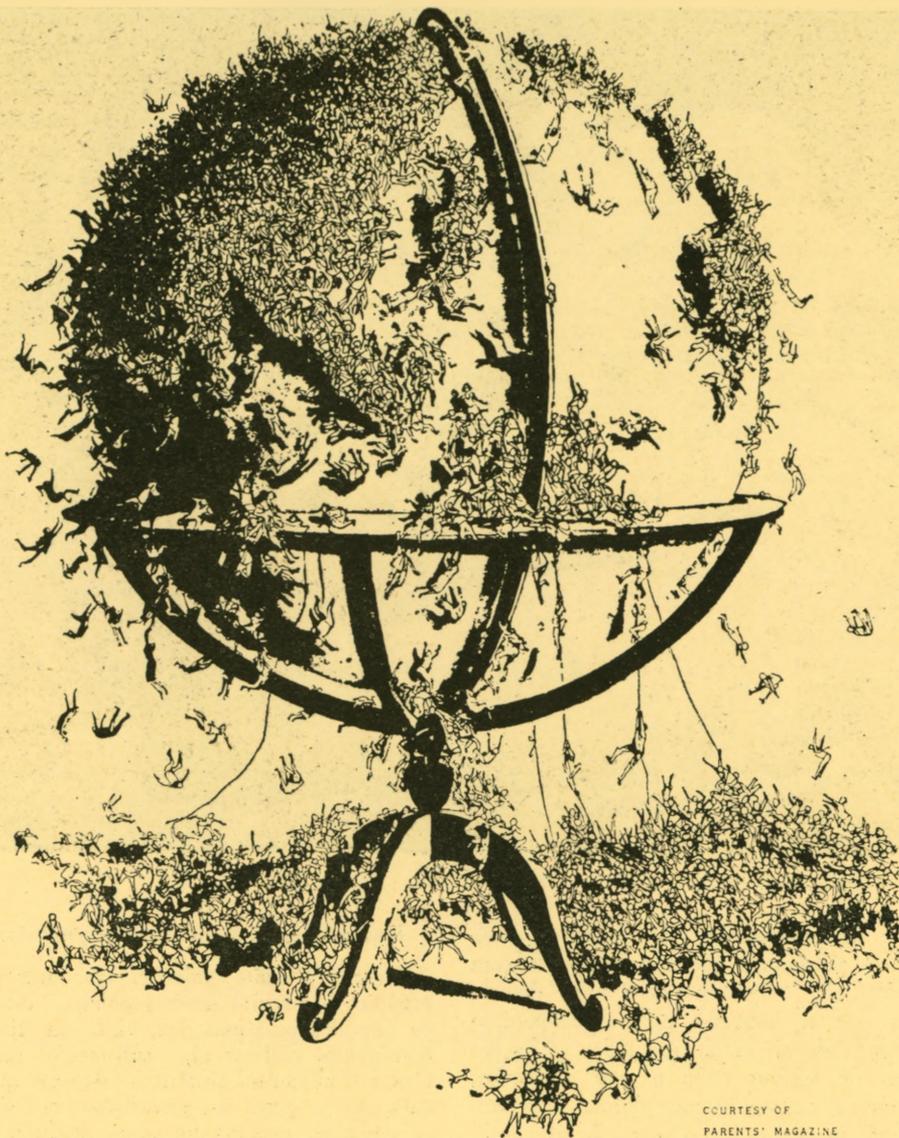
No entanto, mesmo que dobrássemos os alimentos extraídos do mar e a população se mantivesse estável, isso ainda não bastaria para proporcionar a todos um regime alimentar igual ao dos norte-americanos. Em outras palavras, mesmo sob condições ideais, o mar não poderia alimentar o mundo. E, naturalmente, as condições não são ideais. Com efeito, no tempo atual, o tipo de exploração e a poluição existente fazem com que a maioria dos biólogos creiam que no futuro obteremos menos alimento do mar, e não mais. Não há esperança nesse sentido.

#### *E a produção de alimentos sintéticos?*

Ontem à noite palestrei com um químico orgânico a respeito desse problema. Nada indica que nos próximos dez, vinte ou trinta anos consigamos realizar algo substancial com referência a alimentos sintéticos. Mesmo que realizássemos as pesquisas científicas necessárias para descobrir exatamente como produzir alimentos sintéticos, teríamos ainda sérias limitações de energia e material no tocante à quantidade que poderíamos produzir, e seria difícil persuadir o povo a comer tais produtos alimentícios. Mas, no tempo de que dispomos, não existe qualquer esperança de que o problema seja solucionado por meio de alimentos sintéticos.

*Doutor, segundo o seu modo de ver, qual é então a melhor solução?*

O índice de nascimentos é consideravelmente mais elevado do que o índice de mortalidade. Visto que baixamos artificialmente este último índice mediante programas de controle da mortalidade — exportando a medicina ocidental para países subdesenvolvidos, e assim por diante — sucederá uma de duas coisas: Ou desco-



COURTESY OF  
PARENTS' MAGAZINE

braremos a maneira de diminuir o índice de nascimentos para igualá-lo ao índice de mortalidade, ou o índice de mortalidade tornará a elevar-se automaticamente por meio de fomes, calamidades ou guerra termonuclear.

A menos que nos coloquemos imediatamente em ação, com extraordinários programas para reduzir o índice de nascimentos, sabemos que aumentará o índice de mortalidade. Não diviso, porém, qualquer programa realístico para diminuir o índice de nascimentos; julgo, portanto, que haverá uma dramática elevação do índice de mortalidade ou, talvez, uma elevação final.

*Por que não é possível reduzir o índice de nascimentos?*

Seria possível se houvesse enorme esforço mundial para modificar as atitudes das pessoas e tornar acessível ao povo um meio de limitar as famílias, não só em conformidade com o número de filhos que eles possam criar pessoalmente a fim de se tornarem adultos sadios e felizes, mas também de acordo com o número de filhos que produzam uma população que a sociedade possa sustentar.

Isso é essencialmente uma questão de modificar as atitudes humanas. A Índia, por exemplo, desde 1951 tem seguido um programa cujo objetivo é manter a população sob controle. Quando o plano começou a ser pôsto em prática, esse país tinha uma população de

330.000.000. Após dezessete anos de controle da natalidade, o número de habitantes se eleva agora a 540.000.000. Mesmo que os indianos limitem o tamanho de suas famílias de acordo com a quantidade de filhos que desejarem ter, essa quantidade ainda é muito elevada. O termo médio é de 4,5 filhos por família, e o país não consegue sustentar esse elevado índice de crescimento demográfico. Ou equiparamos a população humana com os escassos recursos de nosso planeta, ou perdemos a batalha. E eu não creio que alcancemos o objetivo almejado.

*Quanto tempo o mundo poderá durar, de acordo com o presente índice de crescimento demográfico?*

As estimativas variam entre 1975 e 1984, como o tempo em que virá o fim. Baseiam-se no ponto em que o crescimento demográfico exceder a mínima ração disponível de acordo com a produção de alimentos.

Se tivéssemos anos de farta colheita e se lográsssemos estupendo êxito em nossas tentativas para espalhar novas variedades de trigo e arroz que fôssem muito férteis, o fim poderia adiar-se até 1985 ou 1990. Por outro lado, se os insetos devastarem as variedades altamente produtivas e as condições atmosféricas se mostrarem hostis, poderá haver fomes de grandes proporções no começo da década de 1970. É o que indicam as conjecturas.

O essencial é compreendermos que a produção de alimentos não pode acompanhar o ritmo atual do crescimento demográfico. Mais cedo ou mais tarde, no próximo futuro, teremos grandes fomes, que com facilidade poderão estar vinculadas a epidemias mundiais. Vírus difundir-se-ão entre vastas multidões debilitadas, sendo conduzidos para todas as partes do mundo mediante rápidos meios de transporte. Poderá acontecer até que certos vírus escapem de nossos laboratórios de guerra biológica onde os cientistas podem agora desenvolver micróbios contra os quais não há resistência. Se a China investir com mais severidade contra a Rússia e a Índia, e se a América do Sul se tornar comunista, poderá ocorrer uma guerra termonuclear que produziria instantâneo controle da população.

*O senhor pressupõe que grandes fomes e talvez a guerra termonuclear são inevitáveis?*

Penso ser inevitável uma elevação no índice de mortalidade. Até que ponto ela chegará é impossível conjecturar; receio, porém, que minhas propensões sejam deveras pessimistas.

*De acordo com as suas conjecturas, como o mundo chegará ao fim?*

Além de matar enormes quantidades de pessoas, uma guerra termonuclear aumentaria consideravelmente a deterioração ambiente, que já está em andamento. Explosões termonucleares soltariam na atmosfera imensas quantidades de poeira radioativa. Isso alteraria as condições meteorológicas. Grandes tempestades de fogo esgotariam o suprimento de oxigênio na atmosfera e aumentariam os detritos espalhados pelo ar. A poluição atmosférica faria com que o solo se tornasse estéril, deslizando para o mar, através da erosão, e concorrendo para extinguir a vida no oceano. Mesmo que as explosões atômicas e sua radiação imediata não matassem todas as pessoas, os resultados mais demorados da guerra termonuclear poderiam com facilidade acabar com o gênero humano.

*Em seu livro, o senhor delinea também outras maneiras em que o nosso planeta se está deteriorando: poluição do oceano; poluição dos rios e lagos (a morte do Lago Erie, por exemplo); poluição da atmosfera; desolação da terra etc. Parece que o mundo está-se deteriorando rapidamente.*

É exato. Encontramo-nos agora no ponto em que, se desejarmos salvar a humanidade e o mundo, precisamos exercer imediata e dramática ação em todos os sentidos. Devemos começar agora mesmo a fazer tudo o que é correto para desfrutarmos meramente uma razoável oportunidade de luta. Isso tudo, porém, não garantiria a salvação.

*Acha o senhor que a humanidade pode salvar-se a si mesma?*

Creio que existe alguma probabilidade, mas seria insensato depositar demasiada confiança na humanidade e sua ciência. É bem provável que a humanidade esteja no início de sua crise final. Penso que se não tomarmos medidas drásticas no tempo presente, suscitaremos uma catástrofe global sem precedentes.

*O senhor discorda, portanto, da filosofia do século dezanove, a qual ensinava que o progresso é inevitável?*

Penso não poder admitir que seja progresso aquilo que vemos agora. A situação em que crescente número de pessoas se tornam cada vez mais famintas e vivem em condições que pioram cada vez mais sob a ameaça de uma catástrofe, não é progresso.

Não creio que o progresso consista na existência de cada vez maior número de pessoas, a despeito das condições de vida com que depaurem essas pessoas. Podemos notar agora mesmo que está havendo forte tendência regressiva. Essa tendência, em grande parte, pode ser atribuída à falsa crença de que o homem sempre se

(Continua na pág. 20)

# O DEUS DA ERA

AS pesquisas e os vôos espaciais estão-se tornando comuns. O habitual sistema de contagem regressiva tem sido contemplado por milhões de pessoas, através da televisão. O homem do povo está-se tornando cada vez mais familiarizado com expressões como Módulo de Excursão Lunar (LEM) e Laboratório Orbital Tripulado (MOL).

Fundamentalmente, o homem é um ser prêso à Terra. Quando êle põe em órbita os seus artefatos espaciais, penetra num ambiente um tanto estranho e desconhecido. Precisa levar consigo elementos vitais do meio em que vive, tais como: alimento, água e oxigênio. Precisa manter a devida temperatura e pressão em sua nave ou em sua vestimenta espacial, e ter alguma proteção contra a radiação excessiva. Em outras palavras, encontra-se bem fora de seu ambiente natural.

A velocidade do homem no espaço é fantástica em comparação com a velocidade habitual na Terra. Um automóvel que viaje a 100 quilômetros por hora percorre uns 28 metros por segundo. A nave espacial *Apolo* pode viajar umas quarentas vezes mais depressa, percorrendo aproximadamente 11.200 metros por segundo. Por outro lado, em comparação com a velocidade da luz, que é de 300.000 quilômetros por segundo, o homem ainda é novato na arte de voar pelo espaço.

Com a atual velocidade alcançada nas viagens espaciais, o homem pode visitar a Lua e voltar de lá em mais ou menos uma semana. O trajeto de ida e volta a Marte ou Vênus, dois de nossos planetas mais próximos, levaria diversos meses. Seriam necessários vários anos para uma viagem de ida e volta a Júpiter ou Saturno, e o período de nossa existência seria muito curto para visitarmos as estrelas mais próximas.

A medida para avaliar a distância até as estrelas é o ano-luz, ou seja, a distância que a luz percorre num ano através do espaço — aproximadamente 9,5 trilhões de quilômetros. A luz da estrela mais próxima da Terra, *Alfa Centauro*, gasta 4 anos e 3 meses para chegar à Terra. Mesmo que o homem, por meio de algum fenômeno futuro, conseguisse chegar a essa localidade sideral, estaria por assim dizer apenas no limiar da autêntica viagem interestelar. Estrelas e galáxias se estendem em tôdas as dire-

ções até um número indeterminado de anos-luz. O maior telescópio, no Monte Palomar, pode alcançar um bilhão ou mais anos-luz no espaço, enquanto os observatórios radioastronômicos conseguem penetrar muito além. Contudo, o universo não parece ter fim!

Jessé L. Greenstein, astrofísico no Instituto Tecnológico da Califórnia, e “uma autoridade nas etapas finais da evolução estelar,” afirmou recentemente: “Não podemos viajar fisicamente para explorar as estrêlas, na esperança de descobrir mundos habitados.”<sup>1</sup> Ele também se mostrou pessimista com referência ao assunto de comunicações de longo alcance no universo, dizendo que “se a civilização mais próxima estivesse a 10.000 anos-luz de distância, precisaríamos de uma antena tão grande como a Terra para captar os seus sinais.”<sup>2</sup>

As estrêlas e as galáxias estão ali. Seja como fôr, elas existem. Algures deve haver uma causa e uma razão. Nalgum lugar existe um poder infinito. Nalgum lugar existe um Deus!

O homem tende a duvidar do que não consegue compreender. Ele aceita geralmente o que os seus sentidos e os métodos científicos parecem confirmar. Com freqüência, põe em dúvida e rejeita o que não pode ser incluído nessa categoria. A Terra, no entanto, é apenas uma infinitésima parte do universo; há muita coisa que o homem não conhece. Existe algum conhecimento ou sabedoria fora do seu domínio, que pode exercer alguma influência sôbre o não solucionado mistério do universo?

Por meio da fé baseada na Bíblia, o cristão pode obter noções e idéias que não são possíveis no estado atual do desenvolvimento científico. Declara o apóstolo Paulo em I Coríntios 2:12: “Temos recebido... o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.”

## Comunicação Instantânea

“Dá-nos hoje” (S. Mat. 6:9-13). Quase todos os cristãos conhecem a Oração do Senhor proferida por Cristo no Sermão da Montanha. Dirigem-se diretamente ao Pai celestial, orando pela vinda de Seu reino à Terra. Volvem-se então para a necessidade diária de alimento, perdão e livramento.

# ESPACIAL

---

**CLYDE C. CLEVELAND**

Gerente do Colégio União da  
Colúmbia, Estados Unidos

---

Por meio da fé baseada na Bíblia, o cristão pode obter noções e idéias que não são possíveis no estado atual do desenvolvimento científico.



O trono e o centro administrativo de Deus encontram-se no Paraíso, que Paulo afirma estar no "terceiro Céu" (II Cor. 12:1-4; Heb. 8:1). Deus acolhe ali as orações de Seu povo, no "verdadeiro tabernáculo" (Heb. 8:2; Apoc. 8:3 e 4), do qual o Cristo ressurrecto é o Sumo Sacerdote.

Isto dá uma idéia de comunicação instantânea. As necessidades do cristão referem-se ao "dia de hoje;" amanhã poderá ser muito tarde. O "trono da Majestade nos Céus" (Heb. 8:1) pode distar daqui inumeráveis anos-luz, mas a Sua resposta é esperada sem delongas.

"Se possível, passe de Mim este cálice!" (S. Mat. 26:39). O mesmo pensamento de imediata ou direta comunicação com o Pai foi demonstrado pela própria pessoa de Cristo. Em Sua angústia no Getsêmani, na noite que antecedeu o Seu julgamento simulado e a crucifixão, Cristo orou fervorosamente — e até de modo desesperado. Seus discípulos dormiam enquanto Ele lutava sozinho com Deus, em oração. Ele tinha consciência da traição, humilhação, afronta, sofrimento e agonia final na cruz, que teria de suportar. Em Sua força humana parecia impossível resistir, por isso Ele orou!

Enquanto Jesus falava com o Pai, a turba se estava formando, e começou a aproximar-se então daquele local. Foi feita a petição, e esperava-se que fosse atendida imediatamente. A resposta foi dada, não de acordo com a fragilidade humana, mas em conformidade com o poder infinito do Deus onisciente. Cristo obteve forças para beber do "cálice," a fim de que o homem pudesse ser salvo das eternas conseqüências da malignidade do pecado. Ao chegar a população guiada por Judas, o Salvador pôde dar um passo para a frente, perguntando: "A quem buscais?" Então, ao ser mencionado o Seu nome como a vítima requestada, Jesus pôde responder calmamente: "Sou Eu" (S. João 18:6).

### Transporte Instantâneo

"Subo para Meu Pai" (S. João 20:17). Era pouco antes do alvorecer, no domingo de manhã — que mais tarde seria conhecido como Domingo da Páscoa. As mulheres que observaram atentamente a morte de Cristo na cruz e o Seu sepultamento nas últimas horas da tarde da sexta-feira precedente, repousaram durante o sábado e estavam agora trazendo aromas para embalsamar-Lhe o corpo. Havia saído de seus lares em diversas partes da região circunvizinha. Algumas passaram certo tempo conversando, e Maria Madalena foi a primeira a chegar ao sepulcro, enquanto ainda estava escuro. Viu a grande pedra removida, e deduziu que alguém roubara o corpo.

Ela retirou-se imediatamente para transmitir a Pedro e João as tristes novas. Eles, por sua vez, correram velozmente e encontraram um se-

pulcro vazio, pois Cristo ressuscitara realmente da tumba. Maria, que ficara um pouco para trás, resolveu passar uns momentos a sós, meditando e chorando. Enquanto curti a sua dor, abaixou-se e olhou para dentro do sepulcro. Viu ali dois anjos e conversou com eles. Voltando-se para trás, viu Jesus em pé ao seu lado, mas confundiu-O com o jardineiro. Quando Ele a chamou pelo nome, ela reconheceu o Mestre.

Quando Maria procurou tocar em Jesus, Ele conteve êsse ato, dizendo: "Não Me detenhas." Mencionou então a importantíssima razão: "Porque ainda não subi para Meu Pai." Em seguida foi transmitida prontamente a mensagem vital a ser comunicada aos discípulos, por intermédio de Maria: "Subo para Meu Pai."

Quanto tempo Cristo levou para comparecer diante de Seu Pai no Céu e regressar à Terra? A Bíblia não dá uma resposta direta, mas as circunstâncias indicam que êsse lapso de tempo foi realmente muito curto. Antes mesmo que os soldados romanos que guardavam o sepulcro contassem aos principais sacerdotes os pormenores relacionados com o túmulo vazio, Jesus apareceu pela segunda vez, às outras mulheres (S. Mat. 28:9-11). Desta vez elas puderam abraçar-Lhe os pés e adorá-Lo. Ellen G. White comenta o seguinte a respeito dessa experiência:

"Jesus recusou receber a homenagem de Seu povo até haver obtido a certeza de estar Seu sacrifício aceito pelo Pai. Subiu às côrtes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que Sua expiação pelos pecados dos homens fôra ampla, de que por meio de Seu sangue todos poderiam obter a vida eterna."<sup>3</sup>

"E vos levarei..." (S. João 14:3, Versão de Almeida, antiga). O transporte instantâneo não é apenas um fenômeno do passado; o cristão, pela fé, aguarda uma experiência semelhante no futuro. Cristo fêz alusão aos incontáveis mundos do espaço como sendo a "casa de Meu Pai" (S. João 14:2). Declarou que há lugar de sobra para todos os que O aceitarem inteiramente como Salvador pessoal, assegurando assim a entrada na Pátria celestial. Em breve Ele voltará à Terra para reunir os fiéis a fim de ascenderem para o Céu.

O cristão não imagina um êxodo em massa, de complicadas nave espacial com passageiros apegados às coisas dêste mundo. Ele crê, juntamente com o apóstolo Paulo, que "nós seremos transformados" (I Cor. 15:52). "Num momento" o homem mortal se tornará imortal. Não será mais um ser restrito unicamente à Terra. Adaptar-se-á a viagens espaciais por iniciativa própria, sem necessidade de aparelhos especiais ou mesmo de discos voadores.

Na Bíblia nos é dado um vislumbre do ajuntamento mundial dos fiéis como medida preparatória para serem conduzidos aos domínios situados além do horizonte terrestre. Quando soar a trombeta celestial, os justos mortos ressuscitarão e agregar-se-ão aos justos que estiverem

vivos. Todos serão transformados instantaneamente à semelhança do glorificado corpo de Cristo, e estarão prontos para a viagem espacial em companhia do seu Senhor e Mestre.

Não sabem quais as partes do universo a serem visitadas ou qual o trajeto a ser percorrido. Sabem apenas qual será o seu destino — permanecer “irrepreensíveis diante do trono de Deus” (Apoc. 14:5).

### Criatividade Instantânea

Deus domina sobre o universo porque é o Criador de todas as coisas. “No princípio criou Deus os céus e a Terra.” Gên. 1:1. O fato de que a luz de alguma estrela leva milhões ou até bilhões de anos para chegar à Terra, não justifica a suposição de que sua criação exigiu longos e indefinidos períodos de tempo.

### A Criação Instantânea Mencionada na Bíblia

A Bíblia não limita o poder de Deus para criar instantaneamente, em qualquer ocasião, o que Ele desejar. “Os céus por Sua palavra se fizeram” (Sal. 33:6), declara o salmista. Para que compreendêssemos que essa criação se realizou num momento, Ele acrescenta: “Pelo sôpro de Sua boca.” O autor da Epístola aos Hebreus confirma ainda mais este ponto, ao asseverar que “o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Heb. 11:3).

Neste tempo de poderio atômico, os cientistas afirmam que a matéria e a energia são permutáveis. A bomba atômica faz com que enorme quantidade de energia se desprenda imediatamente da matéria. Seria inacreditável, portanto, que um Deus de infinito poder conseguisse trazer instantaneamente a matéria à existência, por meio de Sua Palavra?

Recentes estudos científicos lançaram maior luz sobre a criação instantânea. Roberto V. Gentry, do Instituto de Ciência Planetária, declara o seguinte:

“Halos de vários isótopos de polônio, de pouca duração, encontram-se em mica pré-câmbria.... Eles impõem restrições ao período de tempo da formação do material

básico da crosta da Terra... Assim, no que diz respeito ao Po-218 ( $T_{1/2} = 3$  minutos), podiam decorrer apenas alguns minutos entre a sua formação e a subsequente cristalização da mica... Cogita-se que esses halos harmonizam-se melhor com um modelo cosmológico que imagina uma criação instantânea da Terra.”<sup>4</sup>

### Rodeados por Mundos Habitados

Deus não somente criou mundos incontáveis, mas criou também inumeráveis multidões de habitantes desses mundos. Referindo-se à Terra, Isaías declara: “Não a fez para ser um caos, mas para ser habitada.” Cap. 45:18. Deduzimos, portanto, que outros mundos também são habitados, pois Deus não os teria criado para serem “um caos.” Temos, porém, mais do que dedução, pois a Bíblia fala claramente de “milhões de milhões” (Apoc. 5:11) de anjos ao redor do trono de Deus. Sua “casa” é realmente grande.

Ocupando-se desse assunto, Guilherme Wallace Campbell, na terceira década deste século, quando ele era astrônomo-presidente da Universidade da Califórnia, expressou-se da seguinte forma:

“Nos últimos dias de minha vida... tenho-me deleitado com o pensamento de que existem outros tipos de vida espalhados pelo universo. Provavelmente não podemos apontar o dedo em qualquer direção e faltar à verdade se dissermos que existe alguma forma de vida nessa direção.”<sup>5</sup>

O homem só ingressou na era espacial no século XX. Deus tem sido Senhor, Mestre e Criador do universo e de tudo o que nêle há, através de toda a eternidade passada. O cristão tem inteira fé e confiança de que Ele continuará a ser o nosso Deus da era espacial, através de toda a eternidade futura!

### Referências

1 Júlio Duscha, “Cientista Afirma que o Homem Não Pode Visitar as Estrélas,” *The Washington Post*, 26 de outubro de 1966.

2 *Ibidem*.

3 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 590.

4 Roberto V. Gentry, “Implicações Cosmológicas da Extinta Radioatividade de Halos Pleocróicos.” *Transcrito de Creation Research Society*, julho de 1966.

5 J. Walter Rich, *The Message of the Stars*, Southern Publishing Association, Nashville, Tennessee, 1950.

## O PERIGO DA LISONJA

Não elogieis nenhum homem; não lisonjeeis homem algum; nem permitais que alguém vos elogie ou lisonjeie. Satanás fará bastante disso. Perdei de vista o instrumento, e pensai em Jesus. Louvai ao Senhor. Dai glória a Deus. Fazei melodia a Deus em vosso coração. Falai acerca da verdade. Falai acerca da esperança cristã, do Céu do cristão. — *Evangelismo*, pág. 630.

# A Parte de Deus no Evangelismo

W. C. SCALES JR.

Pastor-Evangelista na Associação Este-Alegueniana,  
Estados Unidos

**V**VIVEMOS numa época em que o conceito humano acêrca do evangelismo abrange métodos modernos, equipamentos evangelísticos e maiores orçamentos. Muitos de nós temos usado tudo, desde gravuras, prêmios e colorama a cartazes nos pára-choques de automóveis.

Conquanto tôdas essas coisas sejam importantes e tenham seu devido lugar, não devemos olvidar a suprema importância da parte de Deus no evangelismo.

## O Papel da Trindade Celestial

Deus, o Obreiro-chefe, iniciou a obra de evangelização. O salmista declara: "Deus é o meu Rei desde a antiguidade, operando a salvação no meio da Terra." Sal. 74:12. Nosso mundo foi trazido à existência por Deus. O plano da salvação fôra estabelecido antes da criação da Terra. Mas, desde o momento em que o pecado penetrou no universo de Deus e estragou a perfeita harmonia do Céu e da Terra, o plano divino se tornou eficaz e sumamente adequado para enfrentar o problema do pecado. Deus tomou providências para a realização de Seu plano, por meio de Seu Filho unigênito. As providências divinas são completas e culminarão no glorioso triunfo final sôbre o pecado.

Jesus Cristo lançou o fundamento de todo evangelismo em Sua própria obra na Terra. Deus enviou ao mundo o Seu Filho, Jesus Cristo, como o grande Evangelista para estabelecer o alicerce da salvação em Seu próprio sacrifício e expiação pelo pecado e para convidar o homem a voltar para Deus. Jesus Cristo é o Evangelista-módulo. Tôda verdadeira obra evangelística centraliza-se n'Ele. Foi Jesus que transmitiu as boas novas. Foi Ele que revelou a mensagem alvissareira. Foi Ele o primeiro a convidar os homens perdidos a aceitarem a salvação provida por Seu intermédio.

O Espírito Santo continua essa obra e confere êxito ao verdadeiro evangelismo. Ele é a terceira Pessoa da Divindade e, da mesma maneira que o Pai e o Filho, é um Evangelista. Os sete pontos apresentados a seguir salientam a obra do Espírito Santo no evangelismo:

1. Ele veio ao mundo para levar avante a divina obra de salvação.
2. Aplica aos corações individuais a obra salvadora de Cristo.
3. Transmite aos homens em tôda parte as boas novas de salvação.
4. Convida o pecador a reconciliar-se com Deus.
5. Produz convicção em corações humanos.
6. Introduz a Cristo na vida e opera o nôvo nascimento.
7. Ele é hoje o Supremo Evangelista na Terra.

## A União de Instrumentalidades Divinas e Humanas

"Não é o poder procedente dos homens que torna a obra bem sucedida; é o poder das inteligências celestiais em cooperação com o instrumento humano que leva a obra à perfeição. Paulo pode plantar e Apolo pode regar, mas é Deus quem dá o crescimento. O homem não pode realizar a parte da obra que compete a Deus. Como instrumento humano, êle pode cooperar com as inteligências divinas e com simplicidade e brandura efetuar tudo o que fôr possível, compreendendo que Deus é o grande Obreiro-chefe." — Ellen G. White, em *Review and Herald*, 14 de novembro de 1893.

Nós os instrumentos humanos não podemos realizar a obra do Espírito Santo; somos apenas os meios pelos quais o Senhor opera.

"A pregação da palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. Este é o único Mestre eficaz da verdade divina. Únicamente quando a verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida. Uma pessoa pode ser capaz de apresentar a letra da Palavra de Deus, pode estar familiarizada com todos os seus mandamentos e promessas; mas a menos que o Espírito Santo impressione o coração com a verdade, alma alguma cairá sôbre a Rocha e se despedaçará. A mais esmerada educação, as maiores vantagens, não podem tornar uma pessoa um veículo de luz

sem a cooperação do Espírito de Deus. A semente da semente evangélica não terá êxito algum a menos que essa semente seja vivificada pelo orvalho do Céu." — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 501 e 502.

Anjos celestiais, sob a direção de Deus, acham-se constantemente prontos a ajudar os que estão empenhados na importantíssima obra de evangelização. Notai as seguintes declarações:

"Todos os recursos do Céu estão à disposição dos que procuram salvar os perdidos. Os anjos vos auxiliarão a alcançar os mais indiferentes e empedernidos. E quando alguém é reconduzido a Deus, todo o Céu se alegra." — *Parábolas de Jesus*, pág. 197.

"Todo o Céu está em atividade, e os anjos de Deus estão a espera para cooperar com todos os que queiram idear planos por cujo meio as almas por quem Cristo morreu ouçam as boas novas da salvação." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 66.

"Muito mais está sendo feito pelo universo do Céu, do que podemos imaginar, no sentido de preparar o caminho de maneira que almas se convertam. Precisamos trabalhar em harmonia com os mensageiros do Céu. Precisamos mais de Deus; não precisamos pensar que seja a nossa pregação, nem os nossos sermões que estejam fazendo a obra; precisamos ter a certeza de que se o povo não fôr alcançado por meio de Deus, então jamais o será." — *Evangelismo*, pág. 128.

### Necessidade do Poder Divino

Quão maravilhosos foram aquêles dias em que o poderoso Espírito de Deus desceu sobre os primeiros evangelistas, concedendo-lhes tal poder que nunca haviam experimentado antes. Necessitavam de poder, pois o mundo que enfrentavam era desafiador. E nós precisamos dêsse mesmo poder no tempo presente, pois o mundo atual é ainda mais desafiador.

Ao examinarmos a condição da obra de Deus hoje em dia, discernimos muitas necessidades. Necessitamos de mais obreiros; necessitamos de mais dinheiro; necessitamos de edifícios; necessitamos de equipamento. Mas a maior de tôdas as necessidades é a do poder divino. Esse poder só é acessível por meio do Espírito do Deus vivo.

Quando ocorreu o Pentecostes na igreja apostólica, três mil almas converteram-se num só dia, e nos é dada a certeza de que "aproxima-se o tempo em que haverá tantos conversos em um dia como houve no dia de Pentecostes, depois de os discípulos haverem recebido o Espírito Santo." — *Review and Herald*, 29 de junho de 1905, pág. 8. (*Evangelismo*, pág. 692.)

"A nós hoje, tão certamente como aos primeiros discípulos, pertence a promessa do Espírito. Deus dotará hoje homens e mulheres

com poder do alto, da mesma maneira que dotou aquêles que, no dia de Pentecostes, ouviram a palavra de salvação. Nesta mesma hora Seu Espírito e Sua graça se acham à disposição de todos quantos dêles necessitam e Lhe pegarem na palavra." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 210.

"Ao unirmos o nosso coração ao de Cristo, e pormos a nossa vida em harmonia com a Sua obra, virá sobre nós o Espírito que caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes." — *Idem*, pág. 250.

"A presença do Espírito com os obreiros de Deus dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 51.

As modificações da atualidade, a explosão demográfica e as crescentes dificuldades em nossas cidades têm feito com que alguns perguntem a si mesmos como será concluída a obra de evangelização. Sempre devemos lembrarnos de que o evangelismo é obra de Deus. Nunca esqueçamos que "o Senhor cumprirá a Sua palavra sobre a Terra, cabalmente e em breve" (Rom. 9:28). Devemos suplicar fervorosamente que se realize essa atividade divina, pois esta é nossa única esperança. Com muita freqüência temos sido propensos a colocar nossa cultura, nossos planos, invenções, métodos e equipamento em lugar do poder divino do Espírito Santo, o qual unicamente pode e irá concluir a obra. Essa tendência constitui uma de nossas maiores fraquezas e um dos principais obstáculos com que deparamos hoje em dia. Não devemos confiar nessas coisas, e, sim, no poder de Deus.

Ao enfrentarmos o estupendo desafio da tarefa inacabada, nosso ministério precisa revestir-se do poder divino que procede do Espírito Santo.

"Sòmente o poder divino tocará o coração do pecador, levando-o, penitente, a Cristo." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 34.

Todos os nossos excelentes métodos e técnicas, sem o grande poder do Espírito Santo, pouco conseguirão realizar. Para sermos bem sucedidos na conquista de almas, precisamos consagrar-nos a Deus, a fim de que o Espírito Santo possa operar por nosso intermédio.

O poder transformador de homens e nações não se origina automaticamente. Não é inerente a alguma qualidade que possa existir em nós, como obreiros. Não é produzido pelo rápido movimento do mecanismo eclesiástico. Ao contrário de tudo isto, é o poder de Deus para salvação. Os ministros ou os leigos jamais salvaram alguém. Nunca convertemos a pessoa alguma. Só podemos conduzir os homens a Cristo e depender inteiramente do poder de Deus.

## Conclusão

A serva do Senhor declara: "Foi-me mostrado que os instrumentos humanos procuram demasiado poder, e tentam controlar a obra êles mesmos. Deixam muito o Senhor Deus, o poderoso Obreiro, fora de seus métodos e planos, e não Lhe confiam tudo quanto respeita ao avanço da obra. Ninguém deve imaginar poder manejar essas coisas que pertencem ao grande EU SOU. . . . Na tomada de Jericó, o Senhor dos Exércitos foi o General do exército. Êle delineou o plano para a batalha e uniu os instrumentos celestes e humanos para desempenhar uma parte na obra, mas mão humana alguma tocou os muros de Jericó. De tal maneira organizou Deus os planos que o homem não podia arrogar-se algum crédito por ter alcançado a vitória. Deus somente deve ser glorificado. Assim será na obra em que estamos empenhados. Não se deve dar a glória aos agentes humanos. Só o Senhor deve ser magnificado. . . . Devemos aprender a confiar inteiramente em Deus." — *Testemunhos Para Ministros*, págs. 213 e 214.

"O motivo por que Deus não pode efetuar muita coisa por meio de alguns homens consiste em atribuírem a si mesmos a glória do seu ministério, colocando-se na dianteira e deixando a Deus em segundo plano, como se houvessem realizado por suas próprias forças tudo o que foi efetuado." — I. H. Evans, *The Preacher and His Preaching*, pág. 52.

Como cooperadores de Deus, devemos desempenhar fielmente a nossa obra e deixar todos os resultados com Êle. Temos a garantia de que a Palavra de Deus não voltará para Êle vazia.

Os esforços evangelísticos da parte de Deus devem encerrar-se em breve. A proclamação das boas novas logo será terminada. Dentro em pouco a história humana atingirá o seu ponto culminante. Vivemos no tempo em que se acha bem próximo o glorioso aparecimento do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo.

A obra final de evangelismo centraliza-se na proclamação do Evangelho ao mundo todo. Deus nos honrou concedendo-nos o privilégio de cooperar com Êle e tomar parte na importantíssima obra de evangelização.

Aceitando o repto que nos é lançado, avançemos com renovada determinação de crer e receber o Espírito em Sua plenitude, apressando assim o dia em que o mundo todo será iluminado com a glória de Deus. Lembremo-nos sempre

de que o êxito no evangelismo não virá "por força nem por poder," mas pelo Espírito do Senhor.

## Os Adventistas e o Contrôle da . . .

(Continuação da pág. 5)

Quanto mais longe se mantiverem dessa experiência, maior será a segurança de seu amor. E quanto mais cultivarem a natureza espiritual e intelectual, maior será sua satisfação nos prazeres mútuos de seu enlace, e menos freqüentemente — até o devido limite — sentirão êles a atração física do sexo." — *The Home Physician*, pág. 676.

## Explosão Demográfica

(Continuação da pág. 13)

aperfeiçoará cada vez mais e que êle conseguirá eternamente produzir uma vida mais elevada para qualquer número de pessoas. Durante os últimos dez anos, tem ocorrido exatamente o contrário no mundo inteiro. A condição dos indivíduos tem piorado cada vez mais. Nos últimos dez anos, as pessoas têm tido gradualmente menor porção de alimentos. Já notamos que a ciência não é capaz de sustentar o número de pessoas que existem atualmente, em eterna progressão. Isto é um fato demonstrado.

*Nós adventistas do sétimo dia cremos na literal segunda vinda de Cristo como solução divina para esse problema; isto, porém, não impede que cooperemos com os outros para o soerguimento da humanidade em tôdas as formas possíveis, antes que ocorra a salvação divina.*

Como o senhor sabe, não sou adventista do sétimo dia e não desejo entrar em discussões teológicas. Tudo o que posso dizer como cientista é que não considero absurda a idéia de que o mundo, em certo sentido, chegará ao fim nas próximas décadas. Para mim, essa possibilidade é bem real. Gosto de pensar que Deus deseja que Sua vontade opere a fim de que os homens desfrutem em todo o tempo as melhores condições, independentemente de que haverá ou não uma segunda vinda de Cristo.



A Seu  
Lado

# Casei-me com uma Mulher

NICOLAS MARTÍNEZ

Pastor-Evangelista na Cidade de Assunção, Paraguai

**T**ALVEZ o título deste artigo cause um pouco de surpresa e até esboce um sorriso no rosto do leitor. O normal — dirá êle — é que um homem se case com uma mulher. Estou de acôrdo, mas o fato é que muitos homens pretendem haver-se casado com um anjo. Eu não. A “mulher que Deus me deu por espôsa” não é mais do que isso: uma mulher; e não é menos do que isso: uma mulher. Não é preciso dizer mais nada! Quero, porém, aclarar o sentido de minhas palavras.

Minha espôsa é uma mulher que soube ser mãe; anelou sê-lo, sonhou com isso, planejou-o e tem vivido como mãe, dedicando-se de todo o coração a essa tarefa.

Tratou a nossos filhos como crianças, exigindo e esperando dêles apenas o que se pode esperar de uma criança normal. Nunca considerou nossos filhos superiores ou inferiores a outros filhos nem os tratou de outra maneira, procurando sempre evitar que desenvolvessem um complexo de inferioridade ou de superioridade, estimulando-os em seus fracassos e em seus êxitos e chamando-lhes a atenção para o senso de responsabilidade que adquiririam com êles.

Nunca foi escrava de seus filhos, de seus caprichos ou de seus gostos; fêz por êles tudo o que não eram capazes de fazer, mas ajudou-os desde pequenos a valer-se por si mesmos e a desempenhar a sua parte nos deveres do lar. Sempre foi uma amiga e uma conselheira para seus filhos. E, como espôsa de pastor, procurou evitar nêles o complexo de “filhos do pastor,” incentivando-os a encarnar as melhores virtudes e a ser as melhores crianças, não por ser “filhos de pastor,” mas por serem cristãos.

Devido às características de sua vocação, o pastor precisa encontrar em sua espôsa a mulher que compreenda sem perguntar, que ouça sem comentar, que apóie sem dar mostra de autoridade ou suficiência. E tudo isso encontrei em minha espôsa. Ela sempre tem estado a meu lado, tanto na prosperidade como na adversidade.

Se alcançamos algum êxito na obra, ela me tem ajudado por sua humildade e seu extraor-

dinário senso de avaliar devidamente as coisas e dar glória a Deus. Tem-me incentivado, porém, a confiar em minhas próprias capacidades postas a serviço do Senhor. É quando o fracasso ou a claudicação, no ministério ou no âmbito pessoal, me têm sacudido e estremecido, ela tem estado a meu lado, não com submissa cumplicidade, mas com sua fortaleza fraternal, ajudando-me com amor a agarrar a mão que o Senhor me estende, e a continuar juntos o caminho. Sempre tem sido intransigente com meus defeitos e delicadamente dissimulada com minhas virtudes, mostrando-se porém amorosa para auxiliar-me a corrigir as imperfeições e cultivar as boas qualidades.

E assim, como ela tem sido para mim um receptáculo para meus pesares e um apoio para minhas debilidades, tem tornado o nosso lar o remanso onde, cansado fisicamente e sobrecarregado afetivamente, encontrei verdadeira paz para meu espírito.

Em relação a meu ministério, ela tem sido uma companheira, uma amiga, nunca uma colega, muito menos uma competidora. Jamais procurou obter a primazia; nunca presumiu que sua condição de espôsa do pastor lhe dava direitos que não pertencessem a outros membros da igreja. Nunca fêz o que outras pessoas eram capazes de fazer, e quando realizou alguma tarefa ou ocupou algum cargo, não dava a impressão de ser insubstituível ou que os outros estivessem em sua constante dependência. Sempre procurou preparar as pessoas e ajudá-las a descobrir e desenvolver suas próprias aptidões.

Naturalmente, os membros da igreja esperam mais da espôsa do pastor que de qualquer outra senhora ou senhorita da congregação. E minha espôsa nunca tem feito menos do que dela se esperava, mas sem menoscabar a outros e sem assumir ares de superioridade ou autoridade. Dedicou-se a seus deveres com humildade e amor, e por isso tem sido muito estimada.

A esta altura, alguém poderá dizer: “Mas essa mulher é um anjo!” E eu torno a dizer que não me casei com um anjo; ela é “um pouco menor que os anjos;” é uma mulher, simplesmente uma mulher.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## A Transação com o Bode Emissário

### Pergunta 35

Qual é o verdadeiro ensino dos adventistas do sétimo dia a respeito do “bode emissário” no ritual do santuário? Afirmais que os pecados dos justos são atribuídos a Satanás, de modo que no fim êle se tornará o portador de vossos pecados?

**C**OLOCAMO-NOS sem reservas sôbre a plataforma evangélica que declara prover a morte de Jesus Cristo a *única* propiciação pelos nossos pecados (I S. João 2:2; 4:10); que não existe salvação por outros meios ou métodos, e nenhum outro nome pelo qual importa que sejamos salvos (Atos 4:12); e que *unicamente* o sangue de Jesus Cristo, derramado em nosso favor, pode produzir a remissão de nossos pecados (S. Mat. 26:28). Isso é fundamental.

Apegamo-nos também ao princípio admitido como verdadeiro, de que nenhuma doutrina ou crença essencial deve basear-se principalmente numa parábola ou símbolo, e, sim, nas claras afirmações da Escritura, que não têm sentido figurado, interpretadas e definidas de acôrdo com as explícitas declarações das realidades do Evangelho. Em outras palavras, o tipo deve ser interpretado à luz do antítipo, e não o contrário. Além disso, nenhuma parábola ou símbolo pode ser aplicada em todos os seus pormenores. É a verdade central que precisa ser procurada e aplicada. E podemos dizer que não colocamos sôbre o bode emissário a ênfase que alguns de nossos críticos presumem.

A transação com o bode emissário, ou Azazel (Lev. 16:8), tinha que ver com o anual serviço típico do santuário do Israel antigo. Esses tipos eram simplesmente símbolos dramatizados, ou alegorias proféticas, das grandiosas realidades do Evangelho a ocorrerem nesta dispensação. Conseqüentemente, o antigo cordeiro pascal representava a “Cristo, nossa Páscoa” (I Cor. 5:7), que morreu em nosso favor. E os préstimos dos sacerdotes ministrantes simbolizavam

a nosso grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, o qual, após sacrificar-Se a Si próprio no Calvário, ministra agora por nós nos lugares celestiais (Hebreus 8 e 9).

Em Levítico 16, dois bodes tomavam parte no ritual do grande Dia da Expição. Um, de maneira figurada, fazia expiação pelo pecado. O outro bode, para Azazel, não era imolado, mas conservado vivo, e, por conseguinte, não fazia expiação pelos pecados de pessoa alguma.

O primeiro bode representava nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, sôbre a cruz, fêz expiação pelos nossos pecados. O outro bode, por *antítese*, simbolizava a Satanás, ao qual deve ser atribuída a reponsabilidade não só de seus próprios pecados mas também da parte que desempenhou em todos os pecados dos outros, tanto dos justos como dos ímpios, instigando-os a cometê-los. Cumpre ter em mente que êsse bode vivo não era imolado. (Muitas autoridades eminentes apóiam nossa interpretação de que o bode vivo, ou Azazel, representava a Satanás. Ver a Pergunta 34.)

Ôbviamente, eram empregados dois bodes no Dia da Expição devido ao fato de existir *dupla responsabilidade pelo pecado* — em primeiro lugar, a minha responsabilidade como *perpetrador*, agente ou instrumento; e, em segundo lugar, a responsabilidade de Satanás como *instigador* ou tentador, em cujo coração se originou o pecado. Quando Satanás tentou nossos primeiros pais a apoderar-se do fruto proibido e comê-lo, tanto êle como Adão e Eva tiveram inevitável responsabilidade nesse ato — êle, como instigador, e Adão e Eva, como perpetradores.

E o mesmo tem sucedido através dos séculos — em todos os pecados Satanás tem a sua responsabilidade como originador e instigador, ou tentador (S. João 8:44; Rom. 6:16; I S. João 3:8).

No tocante a minha culpa, Cristo morreu por meus pecados (Rom. 5:8). Ele foi traspassado pelas *minhas* transgressões e tomou sôbre Si as *minhas* iniquidades (Isaías 53). Assumiu as *minhas* responsabilidades, e sômente o Seu sangue pode purificar-me de todo pecado (I S. João 1:7). A expiação pelos meus pecados é efetuada unicamente pelo sangue derramado por Cristo.

E no que diz respeito ao pecado de Satanás e sua responsabilidade como instigador e tentador, não lhe é provida nenhuma salvação. Ele precisa ser castigado por causa da responsabilidade que lhe coube. Não existe salvador ou substituto para suportar o castigo em seu lugar. Ele próprio precisa “expiar” seu pecado em levar os homens à transgressão, do mesmo modo como o chefe de um bando de criminosos morre na fôrça ou na cadeira elétrica devido a sua responsabilidade nos crimes que instigou outras pessoas a cometer. É sômente assim que conseguimos entender as palavras de Levítico 16:10, com referência ao bode emissário, “para fazer expiação por meio dêle.”

Os tribunais de justiça reconhecem o princípio de dupla responsabilidade. Assim, um pai criminoso pode ensinar seu filho a roubar, e êste se torna um ladrão habitual; ou uma mãe dissoluta pode ensinar a filha a entregar-se à prostituição profissional. A responsabilidade dos pais, nesses casos, é bem evidente. O instigador de um crime é punido, da mesma forma como o instrumento que realmente cometeu o ato. Quando os membros de uma famigerada quadrilha de assassinos tiveram de prestar contas por uma sucessão de mortes à mão armada, o chefe e organizador da quadrilha, que aparentemente nunca tirara a vida a alguém, foi para a cadeira elétrica, como instigador, junto com os perpetradores. E de acôrdo com o código penal, o instigador ou cérebro dominante pode ser punido mais severamente do que os seus agentes.

Do mesmo modo, Satanás é o principal responsável no grande crime do pecado, e sua responsabilidade recairá sôbre sua própria pessoa. O pêso esmagador de sua responsabilidade nos pecados do mundo inteiro — tanto dos justos como dos ímpios — incidirá sôbre êle. A justiça elementar exige que embora Cristo sofresse por minha culpa, Satanás também deve ser castigado como instigador do pecado.

Por êsse motivo, eram necessários dois bodes no Dia da Expiação. Uma era “para o Senhor” (Lev. 16:8), a fim de prover expiação mediante o derramamento de seu sangue; o outro

era “para Azazel” (Lev. 16:8, segundo algumas versões). Nessa passagem, os dois foram colocados em *antítese*. Um representava nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que morreu como nosso substituto e tomou sôbre Si os nossos pecados, de forma vicária, com tôda a culpa e punição que isso envolvia. Efetuou assim completa expiação pelos nossos pecados. Cremos que o outro bode representava a Satanás, sôbre o qual recairá finalmente não só a culpa de seus próprios pecados, mas a responsabilidade por todos os pecados que êle instigou os outros a cometer.

Convém notar principalmente dois pontos essenciais relacionados com a questão em pauta: 1) A transação com o bode vivo (ou Azazel) ocorria *depois* de haver sido realizada a expiação pelos pecados do povo e completada a reconciliação; e 2) O bode vivo *não era imolado* e não provia qualquer propiciação nem efetuava qualquer expiação vicária. E sem derramamento de sangue não há remissão (Heb. 9:22). O sangue do bode vivo não era derramado ou vertido como propiciação, nem era levado para o santuário e aspergido perante o Senhor ou colocado sôbre os cornos do altar.

Satanás não faz expiação pelos nossos pecados, mas êle terá de sofrer finalmente o castigo retribuidor por sua responsabilidade nos pecados dos homens, tanto dos justos como dos ímpios.

Os adventistas do sétimo dia rejeitam, portanto, inteiramente qualquer idéia, sugestão ou inferência de que Satanás seja em certo sentido ou medida o portador de nossos pecados. Êsse pensamento nos causa horror, e é terrivelmente sacrílego. Tal conceito é uma pavorosa deturpação da eficácia de Cristo e Sua salvação, e transtorna tôda a gloriosa provisão de salvação unicamente por meio de nosso Salvador.

A morte de Satanás, repetida milhares de vezes, nunca poderia de forma alguma torná-lo um salvador. Êle é o arquipeccador do universo, o autor e instigador do pecado. Mesmo que nunca houvesse pecado, jamais poderia salvar a outros. Nem mesmo o mais elevado dos santos anjos poderia expiar os nossos pecados. Sômente Cristo, o Criador e o único Homem-Deus, poderia efetuar uma expiação vicária pelas transgressões dos seres humanos. E Cristo realizou isso de modo cabal e perfeito, uma vez por tôdas, no Gólgota.

Nossa principal preocupação é que todos os homens cheguem ao pleno conhecimento da salvação em Jesus Cristo e por Seu intermédio. A maneira exata como Deus resolverá finalmente o problema do pecado, embora seja interessante estudar êsse assunto, constitui alguma coisa que podemos muito bem deixar aos cuidados da infinita justiça e misericórdia de Deus. Evidentemente, isso é revelado em parte

na transação típica com o bode emissário. Nossa maior preocupação, porém, é que todos os que quiserem participem das amplas provisões expiatórias do sangue que o Senhor Jesus Cristo derramou em nosso favor. — *Questions on Doctrine*, págs. 394-401.



## É Verdade Que Não se Pode Confiar em Ninguém?

**“AQUILO** que chamamos sociedade — diz S. I. Hayakawa — é uma vasta rede de acordos mútuos.” Confiamos alegremente a nossa vida a gente completamente estranha nas pessoas de maquinistas de trem, pilotos de avião, ascensoristas, capitães de navios, choferes de táxis, guardas de tráfego, e sem hesitar consignamos nossos bens a banqueiros e companhias de seguro.

Pedi a um gerente de hotel, com experiência na Flórida e na Nova Inglaterra, que calculasse quantos dos seus fregueses lhe passavam calote. “Um quarto por cento, mais ou menos,” respondeu êle. Se essa proporção atingisse dez por cento, abalaria a sociedade em seus alicerces; as vendas a crédito, as prestações, até mesmo o serviço bancário comum, tornar-se-iam impossíveis. Se fôsse de 25%, a sociedade explodiria. Quantos de nós, entretanto, alimentamos a ilusão de que “hoje em dia não se pode confiar em ninguém”? Se assim fôsse, posso garantir que não estaríamos aqui.

Stuart Chase, *Roads to Agreement* (Harper, ed.)

## Sabedoria Sem Deus

**UM** homem pode saber tudo acêrca das rochas, e seu coração permanecer tão duro como elas. Êle pode saber tudo acêrca dos ventos, e não obstante servir de joguete a paixões tão impetuosas como os ventos. Êle pode saber tudo a respeito dos astros, e ser êle mesmo um meteoro cujo fim, depois de uma carreira breve e brilhante, é apagar-se em noite eterna.

Êle pode saber tudo acêrca dos mares, e contudo assemelhar-se às águas turbulentas que não podem achar descanso.

Um homem pode saber como dominar os elementos, e não saber como dominar o seu próprio espírito.

Êle pode saber como desviar os raios fulminantes, mas não a ira de Deus de sua cabeça culpada.

Êle pode ter todo o conhecimento dum Newton, dum Laplace, dum Einstein; pode conhecer todos os mistérios e saber muitas coisas escondidas, mas se não tiver conhecimento pessoal do amor de Deus, oferecido aos homens pecadores por meio de Cristo, de que valor lhe será então tôda a sua sabedoria?

“Pois que aproveita ao homem, se ganhar o mundo inteiro, e perder a sua alma? ou que dará o homem em recompensa da sua alma?”

— *Autor Desconhecido.*

Órgão publicado bimestralmente pela Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Editado pela Casa Publicadora Brasileira Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual ..... US \$ 3,00  
Número Avulso ..... US \$ 0,50

Ano 35 N.º 6

## NESTE NÚMERO

CAPA: Fotografia da superfície da Lua, feita pelo satélite Orbiter IV em 11 de março de 1968. NASA e

<b>É NECESSÁRIO HAVER UM REAVIVAMENTO</b>	
H. J. Harris .....	2
<b>EDITORIAL</b>	
“DAI, E SER-VOS-A DADO”	
Enoch de Oliveira .....	3
<b>OS ADVENTISTAS E O CONTRÔLE DA NATALIDADE — CONCLUSÃO</b>	
J. R. Spangler .....	4
<b>ELLEN G. WHITE E AS RELAÇÕES MATRIMONIAIS — CONCLUSÃO</b>	
Artur L. White .....	6
<b>EXPLOSAO DEMOGRAFICA</b>	
Max Phillips .....	9
<b>O DEUS DA ERA ESPACIAL</b>	
Clyde C. Cleveland .....	14
<b>A PARTE DE DEUS NO EVANGELISMO</b>	
W. C. Scales Jr. ....	18
<b>A SEU LADO</b>	
<b>CASEI-ME COM UMA MULHER</b>	
Nicolás Martínez .....	21
<b>PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA</b>	
<b>A TRANSAÇÃO COM O BODE EMISSARIO</b> .....	22
<b>É VERDADE QUE NAO SE PODE CONFIAR EM NINGUÉM?</b>	
Stuart Chase .....	24
<b>SABEDORIA SEM DEUS</b>	
Autor Desconhecido .....	24